

Título	Cristiano Lenhardt	Autor	Clarissa Diniz
Data	2008	Artista	Cristiano Lenhardt
Publicação	DINIZ, Clarissa. <i>Cristiano Lenhardt</i> . In: Programa de exposições 2008. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.		

Cristiano Lenhardt

Ainda que na história da arte tenha sido constante o debate acerca da relação entre arte e realidade, o século XX, em especial, trouxe um intenso e mais específico embate entre duas concepções centrais e distintas de tal relação – aquela que se refere à autonomia da arte diante do mundo, e aquela que deseja remetê-la constantemente à realidade por crer na importância do engajamento sócio-político do artista.

Uma arte que não se entende autônoma nem se quer exclusivamente vinculada ao mundo objetivo foi, por sua vez, sempre mais pontual – e primordialmente compreendida como surrealista, imaginária, fantástica. Não há, até hoje, um entendimento bem delineado sobre o que seria uma produção de arte que, não buscando ser autônoma, nem realista, nem fantástica, encontra suas motivações e fundamentos (estéticos, inclusive) numa relação estreita com a subjetividade, intuição, fluxo de consciência etc. Tal produção artística habitualmente instaura um território semântico escorregadio, que nos escapa ao controle e à plena inteligibilidade. Sem pretender ser exercício de embaralhamento e negação da ordem do mundo (aos moldes surrealistas, por exemplo), mas uma inflexão que, sem contradizê-lo, faça uso de outras instâncias sensíveis para com ele estabelecer contato – instâncias diferentes daquelas corriqueiramente utilizadas pela cultura ocidental (notadamente, a razão) –, tais obras terminam por conferir, ao mundo, por meio de um modelo não-cientificista de consciência que o reintegra ao *eu*, uma possibilidade de reconfiguração identitária.

Esse tipo de trabalho tem se aproximado da beleza, do vazio, do tempo, da sensorialidade, do silêncio, da espiritualidade, do mito, da subconsciência, não como seu assunto ou conteúdo, mas, sobretudo, como elemento incorporado ao seu processo de criação e construção. É o que se percebe em grande parte da obra de Cristiano Lenhardt, que transcende o modelo racionalista do mundo para gerar imagens e “narrativas” que não espelham ou ignoram a realidade, mas recriam-na a partir de um encadeamento próprio de experiências que escapem a referências linguísticas ordenadoras (como *significados*), instaurando, por sua vez, atmosferas emocionais onde se torna possível a emergência de sentidos *outros*, ainda não dicionarizados e, talvez, indicionarizáveis. Seu trabalho se identifica com aqueles que Suzi Gablik chamou de *reencantados* por oposição àqueles que apresentam desencantamento em relação ao mundo e à vida, optando por agir apenas nos limites do “possível”, do corriqueiro, do palpável, instaurando um senso crítico limitado que, por fim, se conforma àquilo que critica por não acreditar na veracidade do aparentemente impossível.

Diferentemente das obras *desencantadas* a que se refere Gablik – pautadas em recursos de negação, como a ironia e a paródia –, a obra de Cristiano opta por agir numa perspectiva propositiva, na qual reina um espírito de generosa publicização e compartilhamento de estados subjetivos. A criticidade de obras como a de Lenhardt advém, portanto, da possibilidade de ampliação existencial que permitem vislumbrar, e não de um comentário condicionado à pré-existência e ao domínio coletivo de seu assunto (premissa para o surgimento de recursos como a citação e a ironia, por exemplo). Assim, é no âmbito da ênfase na pluralidade de modelos existenciais mesmo na atual descrença diante do mundo que, entendo, opera a obra de Lenhardt ao suspender certezas e facilidades racionalistas para colocar-nos diante de algo que, apesar de fugidio, seduz e, assim, nos conduz, caso nos permitamos, para longe, para fora, para dentro e para fundo.